

RELACIONAMENTOS NÃO-MONOGÂMICOS E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DO FILME “A PORTA AO LADO”

RELACIONES NO MONÓGAMAS Y SOCIEDAD:
UN ANÁLISIS DE LA PELÍCULA “LA PUERTA AL LADO”

NON-MONOGAMOUS RELATIONSHIPS AND SOCIETY:
AN ANALYSIS OF THE FILM “NEXT DOOR”

ANDERSON NUNES
ALVES PEIXOTO ¹

BÁRBARA LINDIA DA
SILVA FERREIRA ¹

LARA DUCA
CARDIAN GUERRA ¹

MICHELLE REIS EL
JAOUHARI ¹

RAIANE LUISA
GONÇALVES OTONI ¹

SAMARA
RODRIGUES DE
SOUZA ¹

¹ Centro Universitário
Newton Paiva, Belo
Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: O presente ensaio busca identificar quais tensionamentos estão presentes nos discursos dominantes sobre as formas de se relacionar afetivamente, na sociedade atual. Nesse debate, os relacionamentos não-monogâmicos promovem questões subjetivas e sociais que fogem à regra normativa e colonial do amor romântico e da monogamia. Frente a esse contexto, produziu-se uma análise qualitativa sobre o longa-metragem de Julia Rezende, “A Porta ao Lado”, a partir das contribuições teóricas do Construcionismo Social. A análise se concentra em quatro pontos de observação, sendo eles: 1. a avaliação dos valores sexuais e relacionais; 2. a noção de traição; 3. as expectativas e construções relacionais pautadas no gênero; 4. o espaço relacional conjugal e individual. Os resultados e considerações sobre o ensaio retomam as dimensões subjetivas e sociais presentes nas escolhas sobre os formatos de relacionamentos na contemporaneidade e propõe a continuidade dos estudos sobre o tema.

Palavras-Chave: amor; psicologia social; sexualidade; não-monogamia; relacionamento.

RESUMEN: Este ensayo busca identificar las tensiones presentes en los discursos dominantes sobre las formas de relación afectiva en la sociedad actual. En este debate, las relaciones no monógamas plantean cuestiones subjetivas y sociales que se apartan de las normas y costumbres coloniales del amor romántico y la monogamia. En este contexto, se realizó un análisis cualitativo del largometraje «La puerta al lado», de Julia Rezende, basado en las aportaciones teóricas del Constructivismo Social. El análisis se centra en cuatro puntos de observación: 1. la evaluación de los valores sexuales y relacionales; 2. la noción de traición; 3. las expectativas y construcciones relacionales basadas en el género; 4. el espacio relacional conyugal e individual. Los resultados y las consideraciones del ensayo reexaminan las dimensiones subjetivas y sociales presentes en las decisiones sobre los formatos de relación en la actualidad y proponen estudios continuos sobre el tema.

Palabras-Clave: amor; psicología social; sexualidad; no monogamia; relaciones.

ABSTRACT: This essay aims to identify the tensions present in the dominant discourses on forms of affective relationships in today's society. In this debate, non-monogamous relationships raise subjective and social issues that deviate from the normative and colonial norms of romantic love and monogamy. Given this context, a qualitative analysis of Julia Rezende's feature film, “Next Door” was carried out, based on the theoretical contributions of Social Constructionism. The analysis focuses on four points of observation: 1. the evaluation of sexual and relational values; 2. the notion of betrayal; 3. relational expectations and constructions based on gender; 4. the conjugal and individual relational space. The results and considerations of the essay revisit the subjective and social dimensions present in choices about relationship formats in contemporary times and propose further studies on the topic.

Keywords: love; social psychology; sexuality; non-monogamy; relationship.

Recebido em: 06/12/2023
Aceito em: 04/04/2025

<https://www.doi.org/10.38034/nps.v34i82.763>

A contemporaneidade é um período marcado por diversas transformações e reconstruções nos modos de se relacionar. No entanto, modelos de relacionamentos que não estão atribuídos aos valores tradicionais ganham mais visibilidade e se tornam cada vez mais comuns. Segundo Bauman (2021), as relações contemporâneas são atravessadas por valores de liberdade e individualidade, mas também enfrentam desafios impostos pela fluidez e instabilidade do mundo moderno. Apesar do modelo monogâmico, pautado na exclusividade sexual, seguir dominante, funciona mais como um contrato social do que uma garantia de fidelidade. Desde sua origem, a monogamia enfrenta falhas em garantir a exclusividade sexual, atravessada por valores sociais, morais e éticos. Para Brigitte Vasallo (2022), “o que define a monogamia não é a exclusividade, mas a importância do casal frente às amantes ou aos outros amores” (p.36), evidenciando a hierarquização dos afetos e vínculos. Apesar das transformações nas sociedades ocidentais, o modelo conjugal monogâmico, no sentido da exclusividade sexual, é dominante e, junto a ele, atravessamentos sociais, morais e éticos influenciam as escolhas nas configurações de relacionamentos.

A tendência atual em relação às formas de relacionamento varia de acordo com a cultura, território e tempo histórico, sendo possível observar semelhanças nas disposições ocidentais. Embora a noção da monogamia seja construída e transmitida enquanto uma escolha, Saffioti (1992) nos lembra que os relacionamentos monogâmicos se constituem como um modelo representativo de uma sociedade patriarcal, entendido enquanto limitante e reforçador de expectativas sociais rígidas.

Corroborando essas ideias, entende-se que o modelo monogâmico de se relacionar se configura em uma lógica de colonização dos afetos e da imposição de dinâmicas de submissão e controle, como afirma Núñez (2023), sendo esse controle estabelecido por consequência de normas estabelecidas pela cultura dominante que podem moldar e direcionar como as pessoas experimentam e expressam seus sentimentos e afetos. Segundo Foucault (2020), essas relações de dominação, diferente da noção das relações de poder, são unilaterais, verticais, estáticas, rígidas e fixas, onde pouco se tolera a possibilidade de resistência.

Sendo a configuração relacional da monogamia uma construção social, encontramos em períodos e contextos sócio-históricos movimentos que determinaram e instauraram essas ideias. A monogamia, embora presente na sociedade ateniense, surge antes desse período, vinculada ao advento do sedentarismo e ao desenvolvimento da propriedade privada. Como propõe Engels (1884/2019), esse modelo monogâmico se consolidou para legitimar a transmissão de bens, transformando as relações amorosas em arranjos moldados por interesses econômicos e sociais. No Brasil, Del Priore (2005) visualiza o enraizamento desse modelo relacional principalmente durante a colonização, através da importação das estruturas sociais europeias trazidas pelos portugueses. O modelo europeu de família nuclear e patriarcal, o catolicismo e a diversidade étnica introduziram padrões e trouxeram valores culturais, estruturas sociais e normas que moldaram as dinâmicas afetivas e amorosas da sociedade brasileira. Paralelo a isso, na contemporaneidade, a escolha pela constituição e manutenção dos relacionamentos estão atreladas ao amor, que é idealizado pela busca do objeto amado e do sujeito do amor. No entanto, como Vasallo (2022) destaca, esse amor está profundamente vinculado a uma estrutura monogâmica, tão enraizada quanto o patriarcado e a heteronormatividade, moldando-se para se ajustar às relações de poder e controle. Esse amor, portanto, não é apenas uma experiência emocional, mas uma construção social que reflete e reforça relações de poder e dominação, impedindo que outras formas de afetividade e relação sejam reconhecidas e valorizadas.

O amor não possui uma interpretação única e incontestável, sendo complexo e subjetivo de acordo com as experiências, os valores e o contexto de cada indivíduo (Chaves, 2010). Entre os vários significados atribuídos, ressaltamos o de amor romântico, que é entendido como um conjunto de condutas emocionais e psicológicas, que condiciona as formas de agir, reagir e sentir nas relações (Zeldin, 1996/2008). Como proposto por Perez e Palma (2018), o amor romântico trata-se da idealização dos comportamentos amorosos e sexuais, como também da determinação e expectativa quanto aos corpos generificados; a partir da criação do lar, das relações parentais e do enaltecimento da maternidade, esse movimento pode ser compreendido, de acordo com Engels (1884/2019), como reflexo da construção das noções de Estado, propriedade privada e da família. Essa noção de amor, atrelada as ideias de posse, poderes e papéis sociais, também é encontrada na obra de Federici (2004), que analisa a noção do amor materno, tido como incondicional, ao exercício de um trabalho não remunerado, sendo esse trabalho fundamental para se pensar nas desigualdades de classe presentes na sociedade.

Para Núñez (2023), o modelo tradicional de relacionamento tem perdido seu lugar enquanto uma pluralidade afetiva vem sendo cada vez mais reconhecida e respeitada. Quando os modelos de amor, casamento e sexo tornam-se insatisfatórios, abre-se espaço para novas experimentações emocionais e sexuais. A partir daí, amplia-se a possibilidade de amar e relacionar-se sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo (Lins, 2012).

Atualmente, existem diferentes leituras a respeito das novas formas de se relacionar afetivamente; uma nova perspectiva são as relações não-monogâmicas, que são compreendidas por diferentes espectros. Para autores como Bornia (2018) e Pilão e Goldenberg (2012), a não-monogamia se caracteriza por meio das relações tidas como poliamorosas, sendo elas relações livres, relacionamentos abertos e *swing*. Para autoras como Núñez (2023) e Vasallo (2022), a não-monogamia se enquadra não somente como um modelo relacional, mas como um sistema estrutural da sociedade; portanto, refere-se à construção de outras possibilidades de vínculos, ou seja, aqueles que não objetivam o cerceamento da autonomia das pessoas (Takazaki & Tavares & Longhini, 2020). Além disso, essa configuração pode assumir várias formas, dependendo das preferências e acordos dos participantes. Por essa perspectiva, a não-monogamia representa, além de uma estrutura relacional e sexual, um movimento social, ético e político por questionar o modelo normativo vigente, ao mesmo tempo em que respeita as singularidades dos indivíduos.

A arte cinematográfica, consagrada como a sétima arte, também auxilia na compreensão sobre os modelos relacionais na sociedade, além disso, é uma narrativa fascinante e complexa que abrange mais de um século de evolução e inovação. Passando por diversas mudanças desde os primeiros testes de como capturar o movimento proposto por Thomas Edison e aperfeiçoado pelos irmãos Lumière no final do século XIX, até a consolidação do cinema como uma forma de arte e entretenimento, a sétima arte se faz cada vez mais presente no cotidiano das sociedades (Turner, 1997). Nesse sentido, o cinema é capaz de demonstrar situações que remetem à vida real, como os desafios presentes no convívio social e nas relações interpessoais cotidianas, auxiliando na construção das estruturas sociais e na produção de efeitos discursivos.

Dessa forma, para compor a pesquisa proposta, apresentaremos a seguir uma análise das narrativas presentes no filme “A Porta ao lado” (2021), produzido por Julia Rezende. A análise tem como propósito compreender quais tensionamentos são gerados com as mudanças nas interações culturais e normativas e como eles podem influenciar na decisão e aceitação dos relacionamentos monogâmicos e não-monogâmicos na sociedade contemporânea.

É importante salientar que narrativas e discursos são engendrados a todo momento no meio social, conformando a conduta, a moral e a ética, influenciando a vida privada e pública das pessoas, mas devem ser sempre questionados e problematizados. Nesse sentido, é importante destacar que não é o objetivo dos autores fechar uma ideia permanente e definitiva a respeito do conceito da não monogamia, mas abrir a discussão sobre as novas formas relacionais aparentes e os desdobramentos sociais provenientes.

MÉTODO

Os tensionamentos existentes nos discursos dominantes sobre as formas de se relacionar afetivamente na sociedade atual estão diretamente ligados à maneira como os atravessamentos sociais, morais e éticos implicam na escolha do tipo de relacionamento que se deseja. Para compreender essa dinâmica, realizou-se uma análise qualitativa sobre o filme “A Porta ao Lado” (2021), produzido por Julia Rezende, utilizando como lente teórica e explicativa a perspectiva do Construcionismo Social.

O Construcionismo Social, de acordo com Traverso-Yépez (1999), localiza a linguagem como aspecto central nas interações e práticas sociais, como também na construção da realidade. Segundo Spink (2000), a linguagem e as práticas discursivas são entendidas não somente como reflexo da socialização, mas como processo de produção de sentidos, identidades, fenômenos e posicionamentos. Dessa maneira, a análise narrativa torna a construção interacional, ou seja, a narração de uma história, como sendo o “local” por meio do qual o narrador elabora sentidos e determina identidades (Moutinho & De Conti, 2016).

Por meio da análise dos discursos e narrativas das personagens retratadas, foi possível aferir sobre a influência e modelação das experiências relacionais e sexuais, monogâmicas ou não, por meio das percepções sócio-históricas. Essa investigação se faz sobre a subjetividade, dizendo não somente da construção de sentido do narrador, como também da elaboração conjunta da qual a audiência faz parte (Moutinho & De Conti, 2016). Contar uma narrativa envolve também aquele/a que ouve, logo, para os propósitos desta pesquisa, os sentidos construídos pelos/as pesquisadores/as foram essenciais na realização da análise e escolha temática.

Para tanto, após alguns encontros de trocas e discussões entre os participantes da pesquisa, foi selecionado para análise o filme “A Porta ao Lado” (Rezende, 2021), lançado no Brasil em 2023. Em seguida, os integrantes assistiram ao filme e registraram os pontos que os/as atravessaram individualmente. Posteriormente, dialogaram sobre as cenas, frases e narrativas que mais os impactaram, o que permitiu identificar pontos focais em comum que, de certo modo, refletem questões contemporâneas na sociedade e nos relacionamentos não-monogâmicos.

O filme “A Porta ao Lado” consiste em um longa-metragem que narra a história de Rafa (Dan Ferreira) e Mari (Letícia Colin), que vivem um relacionamento estável, monogâmico, dentro dos moldes mais tradicionais da classe média urbana brasileira. Juntos há mais de cinco anos, os dois se acostumaram com a rotina e a monotonia da vida de casados, estando pouco abertos para explorar novidades. Em determinado momento, Fred (Tulio Starling) e Isis (Bárbara Paz), um casal que vive um relacionamento aberto pautado na ideia de liberdade, satisfação dos desejos sexuais e nos combinados e negociações, muda-se para o apartamento ao lado. Frente a isso, Mari acaba por questionar seu casamento e considerar outras formas de se relacionar. O encontro entre os dois casais provoca desejos, dúvidas e inseguranças, transformando completamente a vida dos quatro envolvidos.

As personagens que compõem a trama são: Mari, uma mulher branca, cisgênero, heterossexual, com postura mais conservadora, indecisa e questionadora sobre as escolhas da vida, é chefe de cozinha e dona do restaurante que trabalha. Ela é casada com Rafa, um homem negro cisgênero e heterossexual, bancário, também conservador e provedor no relacionamento. Já Isis é uma mulher branca, cisgênero e bissexual, em seus quarenta anos, tida como extravagante e comunicativa, herdeira de uma fazenda que produz alimentos orgânicos e mantém um relacionamento romântico aberto e nuclear com Fred. Este é um homem branco, cisgênero e heterossexual, com uma postura descuidada e que, aos trinta anos, busca encontrar sua vocação profissional.

Ao longo da história, conceitos e construções sociais a respeito das formas e normas de expressão e conceituação sobre o relacionamento são abordados, trazendo distintas perspectivas e atribuições morais e éticas dos personagens a respeito da temática. “A Porta ao Lado” não alimenta oposições vulgares entre monogamia e não-monogamia, atendo-se ao entendimento de que não existem modelos infalíveis a serem seguidos rumo à felicidade. O filme provoca questionamentos acerca das relações normativas vigentes, refletindo tanto sobre modelos de relacionamento quanto sobre a definição de lealdade. Frente à breve sinopse exposta, foram selecionados quatro pontos focais para análise, sendo eles: 1. a avaliação dos valores sexuais e relacionais; 2. a noção de traição; 3. as expectativas e construções relacionais pautadas no gênero ; 4. o espaço relacional conjugal e individual.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Avaliação dos valores sexuais e relacionais

Logo após Isis e Fred se mudarem para o apartamento ao lado, eles convidam Mari e Rafa para um *Open House* que envolve a presença de amigos e conhecidos dos anfitriões. Ao decorrer da noite, Mari e Rafa assistem Isis dançar intimamente com uma mulher em frente a seu marido e percebem que o relacionamento dos dois não é tão convencional quanto imaginavam. Após retornarem ao apartamento, Mari e Rafa conversam sobre a situação e o que acharam da dinâmica relacional de seus vizinhos, expressando suas opiniões quanto ao envolvimento de terceiros no casamento a partir de frases como: “*para mim, relacionamento aberto é desespero, casamento desgastou, acabou o tesão, e aí você deixa seu marido transar com outra para ver se bate um ciúme.*” (Mari), ou “*coisa de gente que não tem conta para pagar*” (Rafa).

A partir dessa cena, podemos observar que juízo de valores e a criação das concepções de “certo” ou “errado” são atribuídos aos comportamentos sexuais e relacionais dos personagens. Isso ocorre porque a visão histórico-cultural da sociedade ocidental, da qual eles fazem parte, em relação ao amor e aos relacionamentos amorosos está intimamente atrelada ao amor romântico, construção social patriarcal e hegemônica que confere poder e influência predominantemente aos homens, perpetuando uma estrutura hierárquica que reforça e limita as expectativas sociais nos relacionamentos afetivos (hooks, 2020).

Vale pontuar que o amor e o casamento, embora não sejam sinônimos, são frequentemente associados às relações afetivas ocidentais, estando atrelado às noções de fé e religião vigentes dessa sociedade (Lins, 1995/2017). Atravessados pelos preceitos da igreja, os ideais de amor e as uniões conjugais passam a ser entendidas como indissolúveis, ditando não somente sobre a forma de estabelecimento e permanência dessas relações, mas também sobre os costumes sexuais dos casais, aplicando e fortalecendo a heteronormatividade e a exclusividade sexual.

Durante o período feudal, a mulher era reconhecida somente pelo seu papel de objeto dentro das negociações familiares burguesas, em uma perspectiva de posse e contrato entre famílias, passa a ser apresentada também por meio dos estereótipos de gênero, que se perpetuam até hoje. Sendo assim, no amor romântico, a mulher não é somente vista como posse do homem como é, também, objeto de idealização e submissão, reduzida às obrigações matrimoniais e maternas (Perez & Palma, 2018). O contexto cortês no qual esses ideais se instauraram colocavam que os homens tinham a possibilidade de escolha dentre várias mulheres, enquanto as mulheres deveriam se apresentar castas e à espera de um homem, para então se submeterem a novas formas de vigilância moral.

A exclusividade sexual e a virgindade, aspectos impostos somente às mulheres, cumpriam a função de proteção dos valores econômicos e políticos ao garantir as noções de propriedade privada e transmissão de herança, situações que percebemos que ainda se fazem presentes na contemporaneidade. Para além disso, os ideais utópicos do amor romântico passam a cumprir também um valor moral ao status feminino (Perez & Palma, 2018). Ainda que contínuas modificações econômicas, políticas e sociais tenham ocorrido ao longo das décadas, a monogamia e a exclusividade continuam sendo estabelecidas como padrão dominante dos relacionamentos ocidentais.

A noção de exclusividade fica ainda atrelada às construções sociais de fidelidade, posse, expectativas, instituições e leis, o que garante que a naturalização da monogamia se dê de tal forma sem carecer de acordos consensuais prévios (Vieira & Pretto, 2021). Logo, por serem visualizadas como única forma legítima de estabelecer relações afetivas e sexuais, aparecem como formas de regularização implícita dos relacionamentos, determinando as ações “corretas” dentro deles (Porto, 2017). Se a exclusividade sexual é o “correto”, seu antagonismo então passa a ser associado a palavras de juízos de valor, como infidelidade, traição e adultério.

A monogamia deixa então de ser costume e passa a ser o ideal das relações entendidas como saudáveis. Anteriormente, apenas os maridos exigiam de suas parceiras a exclusividade sexual nas relações, reforçando a construção social patriarcal, enquanto atualmente as mulheres também perpetuam e disseminam a noção da monogamia compulsória. A paixão é possessiva e individual, aprisionando os indivíduos (Posadas, 1998).

O amor romântico diz então de uma idealização e determinação de expectativas quanto aos comportamentos amorosos e sexuais, estabelecendo padrões de conduta dentro das configurações relacionais, ao mesmo tempo que propaga a ideia de posse e construções sociais de gênero. Essas limitações e expectativas que operam sobre a liberdade de escolha e a autonomia das pessoas marginalizam arranjos de relacionamento que contrariam a rigidez do patriarcado, como casais do mesmo sexo, relacionamentos não-monogâmicos ou dinâmicas não binárias.

Entende-se que as relações extraconjugais, para os relacionamentos monogâmicos, são vistas como os “monstros” das relações duradouras, ao significarem a contravenção dos costumes sociais, das crenças religiosas e das determinações jurídicas. Além disso, ainda existem os ideais e utopias românticas que disseminam a procura, por meio de um único parceiro, tanto da completude e felicidade quanto da satisfação sexual (Telles, 2007). Estar com alguém contemplaria não somente a compensação dos desejos carniais, mas também a segurança de pertencimento e a gratificação de ter sido o escolhido dentre muitos. A falência desses objetivos, por meio de práticas extraconjugais é encarada pela sociedade como moralmente inaceitável, sendo abordada por meio de expressões que atribuem juízos de valor.

As expectativas sociais em relação aos relacionamentos frequentemente são moldadas por padrões culturais que, por sua vez, podem ser restritivos e opressivos,

como pode ser observado no diálogo entre Mari e Rafa. Ao retomar Vasallo (2022), compreendemos que a monogamia não representa somente uma experiência emocional, mas também uma construção social, um ordenamento que reflete e reforça relações de poder e dominação; sendo assim, constrói-se uma identidade que gera núcleos de significados, que podem ser excludentes e articulados entre o medo e a penalidade. Essas normas acabam por influenciar como a sociedade avalia situações que divergem delas, sendo esse julgamento muitas vezes pautado em uma moralidade enraizada em valores culturais particulares (Núñez, 2023).

Noção de traição

Após o envolvimento sexual com Fred, Mari está sentada na cama e ele a oferece uma cerveja, ela então aceita e pergunta se ele não se sente culpado pelo envolvimento sexual que estão tendo escondidos de seus cônjuges. Ao decorrer da cena, os dois conversam sobre o que é traição e Mari verbaliza que, para ela, *“trair sexualmente fere/machuca o outro, destrói lares”*, e que já viu sua mãe passar por isso. Enquanto isso, para Fred, *“não existe escala de valor, sendo experiências que não dizem respeito ao seu casamento”*, visto que, a partir dos acordos em seu relacionamento com Ísis, é possível que ele se envolva sexualmente com outras pessoas.

Neste momento da cena relatada acima, podemos analisar a maneira como cada um compreende e constrói o significado do conceito da traição, que é amplo; sendo a expressão da subjetividade influenciada e constituída por meio do compartilhamento da intersubjetividade com os demais seres sociais, o indivíduo é um produto das redes de relação das quais faz parte (Goffman, 1959/2005). Destaca-se então que as experiências dos protagonistas são construções histórico-culturais influenciadas pelos contextos sociais, nuances econômicas, religiosas, políticas e grupais, e proporcionam narrativas distintas.

Vale destacar que a conversa entre os dois ainda evidencia a existente separação entre relações sexuais e construções amorosas, ao expor que, embora Fred e Isis sejam não-monogâmicos ao praticar relacionamentos românticos e/ou sexuais com múltiplos parceiros, com o consentimento e o conhecimento de todos os envolvidos, estes também não são poliamorosos (Perez & Palma, 2018). Isto porque, embora não atuem no modelo convencional, eles ainda se caracterizam pela formação nuclear e hierárquica de um casal, banalizando os intercursos sexuais com terceiros e impossibilitando a afetividade para fora do núcleo (Lima Jr., 2021), corroborando com a noção de que amor e sexo não são sinônimos. Nessa passagem do filme, vale elencar o tensionamento gerado a partir da exclusividade sexual e sobre a qual Vasallo (2022) vai dizer que, antes de mais nada, a exclusividade é um mecanismo que reafirma o sistema monogâmico e não necessariamente culpabiliza a prática extraconjugal.

Outra alusão que aponta sobre os conceitos de traição ocorre durante uma conversa de Isis e Fred em sua fazenda de orgânicos, ao conversarem sobre os recentes acontecimentos em suas vidas, trazendo temas como o relacionamento sexual de Fred e Mari e a gravidez seguida de aborto de Isis. É importante destacar que na relação de Fred e Isis poderia existir conexão e intercuro sexual com terceiros desde que não envolvesse vínculos afetivos e que os parceiros fossem comunicados desses encontros, ainda que sem detalhes. Logo, fica claro o quanto era prezado a individualidade e a liberdade das partes, desde que houvesse negociações.

Ao longo da conversa, Fred se apresenta decepcionado e triste perante a impossibilidade trazida por Isis de manter a gravidez, enquanto ela aborda um discurso de liberdade, o qual parecia estar sempre presente nos combinados do casal. Para Isis, se eles eram livres para viver experiências para além de seu casamento, ela também

era livre para decidir o destino que tomaria seu futuro e seu corpo, independente da vontade de Fred, ao escolher interromper sua gestação. Ainda em sua articulação, Isis defende sua ideia ao postular que Fred não a traía ao se envolver com Mari, mas traiu quebrando a regra da liberdade ao desaprovar e tentar interferir na sua decisão com relação à interrupção da gravidez. Percebemos, então, que, na conversa entre os dois, a traição se faz pela quebra dos acordos vigentes no relacionamento, dado que a não-monogamia é baseada no consentimento, na comunicação aberta e na transparência entre todos os parceiros envolvidos, sendo o diálogo e o estabelecimento de regras claras e fundamentais para garantir que todas as partes estejam confortáveis e satisfeitas com a dinâmica do relacionamento (Lins, 1995/2017).

Expectativas e construções relacionais pautadas no gênero

Após um jantar na casa da família de Mari, ela e Rafa estão andando pelas ruas à noite, retornando para seu apartamento, quando Rafa questiona se está tudo bem e por que ela está tão quieta, Mari relata se sentir enjoada, mas logo questiona por que os dois nunca se casaram, referindo-se a uma celebração oficial, com uma festa e as famílias dos dois presentes. Rafa, surpreso, pergunta se é uma vontade dela, que responde: *"Talvez a gente devesse, porque, se as coisas acabarem nesse momento, seria fácil demais"*.

A discussão então se volta para a possibilidade de ter um filho, o que, novamente, surpreende Rafa, já que é Mari quem traz à tona o assunto e, logo que ele questiona sobre a seriedade de sua pergunta, Mari responde: *"É, é sério, por que a gente nunca falou sobre isso? Não seria normal você querer ter filho? Talvez o normal fosse eu, com 30 anos, pensar sobre isso, estar preocupada com esse assunto... O certo seria eu querer ter um filho"*. Nesse momento, Rafa sugere que esses questionamentos são por influência da mãe de Mari, com quem teve contato no jantar e que parece desaprovar e questionar a filha em todas as suas escolhas. Rafa ainda completa que, se for da vontade dela, eles poderiam planejar ter um filho, mas Mari rebate dizendo que essa decisão não deve ser apenas dela, e Rafa concorda. A partir desse momento, a conversa se volta para a visão de Rafa sobre crianças, e logo o assunto se encerra e a cena retoma com eles caminhando de volta para casa.

Nessa cena ficam evidentes as expectativas sociais e as construções sócio-históricas atribuídas aos relacionamentos e aos corpos generificados, como a idealização de comportamentos voltados à criação do lar, às relações parentais e à escolha pela maternidade. Percebe-se uma romantização da maternidade, sendo esta entendida como a realização da mulher. A escolha pela concepção dos filhos, assim como o cuidado da casa, são expectativas que não são socialmente impostas aos pais/homens (Caporal et al., 2017). Encontramos em Badinter (1980/2018) a argumentação de que o amor maternal não é inerente à essência feminina, podendo o interesse e a dedicação ocorrerem de maneira variável. Além disso, os papéis sociais de mãe e pai não são inatos, estando sujeitos às exigências e valores predominantes em cada sociedade. Ao observar historicamente a conexão estabelecida entre a mulher e seu instinto maternal, é essencial considerar a existência de um padrão social que pressupõe o desejo pela maternidade.

Ainda persiste na sociedade a expectativa de que as mulheres se alinhem a esse modelo específico, relegando-as a uma posição cumpridora do seu "dever" enquanto mulher. Uma das principais ideias debatidas por Beauvoir (1949/1980) foi o questionamento da maternidade como determinismo biológico reservado às mulheres, como um destino imutável. A autora questiona a romantização da maternidade, destacando como essa expectativa pode aprisionar as mulheres em

papéis tradicionais, restringindo sua liberdade e autonomia, incluindo a decisão de serem mães ou não.

A maternidade deve ser vista através de diferentes interpretações de um símbolo, mas, principalmente, ser entendida como um processo histórico, cultural e político, ligada diretamente às relações de poder e dominação de um sexo sobre o outro (Scavone, 2004). A representação social da maternidade vem sendo modificada, adaptando-se a cada época e a cada sociedade em que está inserida. Porém, ao não optar pela maternidade, a mulher passa a ser tratada pela sociedade com abjeção, ao passo que compreendem sua decisão como expressão de uma anormalidade, uma vez que não responde às expectativas sociais em relação ao papel social da mulher. Assim, as mulheres que abdicam da maternidade são vistas como egoístas e imorais.

Desta forma, entende-se que as normas sociais impostas podem desencadear diversos mecanismos psicológicos para que as mulheres internalizem os ideais maternos (Tourinho, 2006). Frequentemente, esses mecanismos são responsáveis por provocar uma gama de sentimentos que vão desde a culpa até o medo.

Compreendendo as relações pelo prisma dialético, há de se considerar que o sentir e o agir frente à escolha da maternidade não se apresenta da mesma maneira para todas as mulheres. Isso porque tanto as peculiaridades individuais como a influência das histórias pessoais desempenham um papel fundamental na maneira como se atribui significado às experiências, despertando desejos, medos e realizações de maneira única. Essa diversidade de vivências ressalta a importância de compreendermos a complexidade das escolhas individuais dentro de um contexto social mais amplo.

Espaço relacional conjugal e individual

Após um final de semana na fazenda de Isis, Mari e Rafa estão voltando de carro para casa quando eles iniciam uma discussão em que Mari troca o nome de Rafa, chamando-o de Fred. Nervoso, Rafa desce do carro e faz inúmeras perguntas, querendo saber detalhes sobre a traição, até então subentendida. Em seguida, Mari também desce do carro e responde o questionamento de Rafa sobre os lugares onde ela o traiu: *“dentro do carro que você me deu, em cima do tapete que você comprou, dentro da porra do restaurante que você comprou pra mim”*. Ela ainda confirma que a traição não teve nada a ver com Rafa e que sua escolha foi consentida. Rafa questiona: *“você quis por quê? Eu não sou bom o suficiente?”*, e Mari responde afirmando o quanto ele é bom, amigo e o quanto gosta de Rafa. Em seguida, diz *“você é o dono da merda do meu restaurante. Você se enfiou em tudo na minha vida... Eu tô sufocada pelo tanto que você é generoso, o tanto que você me ama sem eu merecer”*.

O trecho relatado acima nos conduziu por reflexões sobre os acordos necessários para a formação de um casal, sinalizando aspectos que demonstram como a convivência conjugal conduz a um entrelaçamento de ideias, estilos de vida e formas de pensar dos indivíduos. A esse respeito, entendemos que o casal é constituído para além da conjugalidade, mas também de suas individualidades, de forma a buscar a própria autonomia. Ainda nessa construção, entende-se que, para que o casamento tenha longa duração, é importante que o casal tenha afinidades em comum e compartilhe repertórios, de forma a possibilitar uma convivência estimulante, mas sempre levando em consideração que as divergências entre os cônjuges são igualmente importantes para que possibilitem movimento e novos desafios, de forma a enriquecer a experiência do casal (Anton, 2002).

Ainda a respeito da cena, fica evidente o entrelaçamento entre os personagens, que não conseguem separar o “eu” do “nós” e, com isso, acabam por deixar de lado suas individualidades, passando a se relacionar como uma só unidade. No entanto, para

que a vida conjugal não frustrar os planos individuais, é necessário que haja a busca de equilíbrio entre individualidade e conjugalidade, para que um relacionamento se sustente ao longo dos anos (Perlin, Erlin & Diniz, 2005).

Acrescenta-se a isso uma outra cena em que, durante uma conversa à noite, ainda na fazenda, ao redor de uma fogueira na área externa, Isis diz para Fred *"resolvi tudo"*. Sem entender, Fred questiona o que teria sido resolvido. Em silêncio, entreolhando-se, Isis diz que ele sabe que ela nunca quis a criança que estava gerando e Fred pergunta por que ela teria tomado tal atitude sozinha, sem consultá-lo antes. Isis responde: *"eu te perguntei, só não te obedeci, é diferente"*, e em seguida discorre sobre ter autonomia sobre seu próprio corpo. Inconformado com a decisão de Isis por não ter sido validado, Fred questiona sua atitude, dizendo que ela não tem o direito de proibi-lo de ter um filho. Isis rebate: *"se escuta, você está parecendo um machista, moralista, tudo que você odeia. Você não me traiu com a Mari, você está me traindo agora. Essa era nossa única regra"*.

Em virtude da cena transcrita, a constituição de um casal diz respeito à singularidade, ao mesmo tempo em que se depara com o espaço conjugal; dessa forma, Levy e Gomes (2008) defendem que, dentre as exigências contemporâneas para o indivíduo e para o casal, está a manutenção da liberdade, que é justificada a partir da busca pelo prazer e pela perfeição. É natural que, a partir da união de duas individualidades na construção de uma realidade compartilhada, destaque-se a constante tensão entre a preservação das individualidades e o compromisso com a partilha de valores, posturas e cuidados. Essa complexidade sublinha a necessidade de equilíbrio.

Portanto, os laços afetivos contemporâneos muitas vezes demonstram uma característica fugaz, apesar do desejo generalizado por relacionamentos duradouros. Essa aparente contradição reflete a convivência entre a valorização da individualidade e a importância atribuída à dimensão subjetiva das relações amorosas. Nesse contexto, há o receio de que o envolvimento romântico possa comprometer a liberdade e autonomia individuais (Perel, 2007).

Destaca-se ainda que a mera presença física não garante uma conexão real, e a compreensão mútua não assegura concordância constante entre os parceiros (Almeida, 2014). Na cena entre Isis e Fred, nota-se que a concordância inicial no relacionamento não se manteve constante. Há momentos, como a escolha de Isis pela interrupção da gravidez, quando a liberdade e a autonomia individuais se destacam, incidindo sobre a zona comum de interação que, nesse momento, assume uma natureza mais individual do que conjugal. Essa mudança de dinâmica pode tensionar outros atravessamentos, como, por exemplo, o fato de Fred se sentir inferior a Isis por ela ser a fonte de sustento financeiro da casa.

Seguindo essa lógica, a forma como os conflitos são resolvidos dentro do relacionamento interfere na sua estabilidade e satisfação, sendo necessária uma estratégia de resolução, de forma a delimitar as possibilidades e limites, aproximando a realidade daquilo que os cônjuges esperam (Garcia & Tassara, 2001). Portanto, delimitar essas estratégias desde o início do relacionamento pode ampliar as chances de um relacionamento saudável (Fonseca & Duarte, 2014).

Sobre esse aspecto, Vasallo (2022) afirma que "o sistema monogâmico fomenta uma estrutura hierárquica" (p.38), ao passo que o casal heterossexual, com capacidade reprodutiva e de gerar descendência, é definido como a principal referência de relacionamentos, em detrimento de outros, o que pode gerar tensão quanto à sobreposição de novas alternativas e interações sociais. Isso nos leva a compreender que os relacionamentos afetivos na atualidade, ao assumir novas configurações internas, ainda podem sofrer com tensionamentos existentes nos vínculos afetivos próprios, revelando fortes traços do sistema monogâmico.

Porém, não é impossível construir novas formas de se relacionar, contrapondo o modelo pré-estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do filme “A Porta ao Lado,” foi possível questionar a existência de uma única verdade nas relações amorosas e sexuais, proporcionando uma compreensão multifacetada das nuances afetivas por meio das complexidades dos personagens. A riqueza nas narrativas nos convidou a contemplar diversas perspectivas nos formatos de relacionamentos, ampliando nossa visão sobre relações e intimidade.

Contata-se que a verdadeira complexidade dos relacionamentos humanos reside na capacidade de questionar certezas, lembrando que o relacionamento amoroso é uma experiência profundamente individual e subjetiva e que a pluralidade nos formatos de relacionamentos transcende as convenções sociais estabelecidas, sendo constantemente reinventada. Compondo esse cenário, também nos deparamos com a existência de desafios, ao analisarmos pelas narrativas das personagens, as normas culturais e seus enraizamentos e influências nos discursos sociais, marginalizando configurações não contempladas pela monogamia e vinculando preceitos morais e éticos. Neste sentido, entendemos que aceitar a pluralidade nos relacionamentos se constitui como um passo em direção a uma compreensão mais profunda da complexidade humana.

Também foi possível observar que, no campo da Psicologia Social, existem poucas pesquisas e consequentemente publicações dedicadas à discussão sobre a não-monogamia, mesmo diante do aumento significativo de adeptos aos relacionamentos não-monogâmicos na atualidade. Consideramos que o aumento de pesquisas sobre relacionamentos não-monogâmicos irá contribuir para que possamos ampliar o conhecimento e debate acerca das construções morais e éticas vigentes nas escolhas relacionais. O contexto subjetivo e profundamente enraizado dessas construções torna desafiador determinar os limites entre relacionamentos monogâmicos e não-monogâmicos. No entanto, é evidente que, dada a sua característica contemporânea, há espaço para pesquisas futuras sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- Almeida, T.** (2014). O processo da escolha conjugal sob a perspectiva da Psicanálise Vincular. *Pensando Famílias*, 18 (1), p.3-18.
- Anton, I. L. C.** (2002). *Homem e mulher: seus vínculos secretos*. Porto Alegre: Artmed.
- Badinter, E.** (2018). (Original publicado em 1980). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Bauman, Z.** (2021). *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*, 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S.** (1980). (Original publicado em 1949). *O segundo sexo. v. 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bornia, J.** (2018). Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não monogâmicas no sul do Brasil. *Tese de Doutorado em Antropologia Social*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Caporal, B., Cortes, M., Costa, L., Amaral, M., Santos, S., Dicetti, A., Amaral, K., Rodrigues, D., & Soares, R.** (2017). Romantização da maternidade: reflexões sobre gênero. *XXII Seminário Interinstitucional de Ensino Pesquisa*

- e Extensão - Redes e Territórios*. Universidade de Cruz Alta. Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMIN%20RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAIS/P%20C3%93S-GRADUA%20C3%87%20C3%83O%20-%20RESUMO%20EXPANDIDO_Ci%20C3%Aancias%20Sociais%20e%20Humanidades/ROMANTIZA%20C3%87%20C3%83O%20DA%20MATERNIDADE_REFLEX%20C3%95ES%20SOBRE%20G%20C3%8ANERO.pdf>.
- Chaves, J.** (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. *Psicologia em Revista*, v.16, n.1, *Belo Horizonte*, p.28-46. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/714>>.
- Del Priore, M.** (2005). *História do amor no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto.
- Engels, F.** (2019). (Original publicado em 1884). *A origem da família, da propriedade privada, e do Estado*. São Paulo: Boitempo.
- Federici, S.** (2004). *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução do Coletivo Sycorax. Editora Elefante. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79721998000200014>>.
- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N.** (2014). Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30 (2), p.135-143. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>>.
- Foucault, M.** (2020). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. de O.** (2001). Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (3), p.635-642. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300019>>.
- Goffman, E.** (2005). (Original publicado em 1959). *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 13. ed. Petrópolis: Vozes.
- hooks, B.** (2020). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- Levy, L., & Gomes, I. C.** (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicologia clínica*, 20 (2), p.163-172.
- Lima Jr., N.** (2021). *Relacionamento aberto, não-monogamia e disputa de conceitos*. NM em Foco. Disponível em: <<https://naomonoemfoco.com.br/relacionamento-aberto-nao-monogamia-e-disputa-de-conceitos/>>.
- Lins, R.** (2012). *O livro do amor – Vol. 1*. Rio de Janeiro: Best-Seller.
- Lins, R.** (2017). *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. Ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: BestSeller. (Original publicado em 1995).
- Moutinho, K., & De Conti, L.** (2016). Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.32, n.2, Brasília, p.1-18. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/tsfbSKpvYzygrVG5mrP7x4Q/?format=pdf>>.
- Núñez, G.** (2023). *Descolonizando Afetos: Experimentações sobre outras formas de amar*. Paidós.
- Perel, E.** (2007). *Sexo no Cativo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Perez, T., & Palma, Y.** (2018). Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, v.30. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/KgtGNbWYTBz8V3ZnFmYDHFj/#>>.
- Perlin, G., Erlin, G., & Diniz, G.** (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 17 (2), p.15-29. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200002>>.

- Pilão, A. C., & Goldenberg, M.** (2012). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, 13 (1). Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14231>>.
- Porto, D.** (2017). *O reconhecimento jurídico do poliamor como multiconjugalidade consensual e estrutura familiar*. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12253/1/Arquivototal.pdf>>.
- Posadas, C.** (1998). *Pequenas Infâmias*. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rezende, J.** (Diretora). (2021). *A Porta ao Lado [Filme]*. Morena Filmes.
- Saffioti, H.** (1992). *Rearticulando gênero e classe social*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Scavone, L.** (2004). *Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais*. São Paulo: Unesp.
- Spink, M.** (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez. P.41-61.
- Takazaki, S. & Tavares, J., & Longhini, G.** (2020). *Não monogamia LGBTQ+: pensamento e artes livres*. Rio de Janeiro: Ape'Ku. P.49-52.
- Telles, N.** (2007). Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. P.401-442.
- Tourinho, J.** (2006). A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. *IGT Na Rede*, ISSN 1807-2526, 3 (5). Disponível em: <<https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/12>>.
- Traverso-Yépez, M.** (1999). Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, 4 (1), p.39-59.
- Turner, G.** (1997). *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus Editorial, 176 p.
- Vasallo, B.** (2022). *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Editora Elefante. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=uXxxEAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>.
- Vieira, E., & Pretto, Z** (2021). Mulheres não monogâmicas: trajetórias em uma sociedade mononormativa. *Revista Estudos Feministas*, 26 (1), p.99-117.
- Zeldin, T.** (2008). (Original publicado em 1996). *Uma história íntima da humanidade*. Rio de Janeiro: Record.

ANDERSON NUNES ALVES PEIXOTO

Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010), graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2023) e especialização em Segurança Pública pela Faculdade Focus (2023). Atualmente é Papiloscopista Policial Federal na Polícia Federal. Tem experiência na área de Criminalística, com ênfase em Identificação Humana, e Psicologia Organizacional. <https://orcid.org/0009-0006-1657-9610>
E-mail: andnap@gmail.com

BÁRBARA LINDIA DA SILVA FERREIRA

Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2023). Servidora Pública Municipal, atua como Analista de Políticas Públicas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), compondo a equipe do Serviço de Proteção

e Atendimento Integral à Família (PAIF), no Município de Belo Horizonte. Cursando Pós-Graduação Lato Sensu em Psicologia Social pelo Instituto Faculeste - Faculdade do Leste Mineiro. Possui interesse na seguintes temáticas: psicologia social crítica, psicologia social comunitária, assistência social, políticas públicas, interseccionalidade e território.

<https://orcid.org/0009-0004-5903-2813>

E-mail: barbaralindia14@gmail.com

LARA DUCA CARDIAN GUERRA

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2023). Atuou brevemente no CRAS Morro Alto, enquanto psicóloga. Atualmente atua como Analista Social na Política Estadual de Prevenção Social à Criminalidade, mais especificamente no Programa Fica Vivo! no município de Belo Horizonte.

<https://orcid.org/0000-0001-7645-9545>

E-mail: laradcandiang@gmail.com

MICHELLE REIS EL JAOUHARI

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2023). Atua como Analista de Atração de Talentos na MRV Engenharia, com foco em recrutamento e seleção de profissionais de áreas corporativas. Desenvolve atividades voltadas à identificação, avaliação e retenção de talentos, contribuindo para o fortalecimento da cultura organizacional e para a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis e inclusivos.

<https://orcid.org/0009-0005-8436-5764>

E-mail: michelle2906@hotmail.com

RAIANE LUISA GONÇALVES OTONI

Pós-graduada em Psicologia Fenomenológica Existencial pela Faculdade Unyleya (2025) e graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (2023). Atua como auxiliar educacional no Colégio Loyola (BH) e como psicóloga clínica autônoma, com o público adulto e idosos.

<https://orcid.org/0009-0003-4045-5376>

E-mail: raianeluisaotoni@gmail.com

SAMARA RODRIGUES DE SOUZA

Psicóloga pela PUC-MG, onde também fez mestrado. Formada nos cursos de especialização em Psicoterapia de Família e Casal pelo IEC-PUC-MG e em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FEAD. Formação pelo ICCP-Interfacci, com o Certificado Internacional em Práticas Colaborativas e Dialógicas.

<https://orcid.org/0000-0002-2763-5001>

E-mail: samararsouza@gmail.com